

Coletânea 2011/2012

(os 12 contos de ficção científica mais lidos)

de David Machado Santos Filho

ÍNDICE

TÍTULO	POSTADO EM	LEITURAS	PÁGINA
O Sexto Sólido de Platão	09/10/11	139	3
Ideia Brilhante (miniconto)	12/05/12	121	8
Encontro com Jesus	26/02/12	118	12
Invasores de Mundos	19/10/11	114	21
O Agricultor	26/08/12	110	25
4-D	07/07/12	95	30
Dor nas Trevas (completo)	19/07/12	94	57
Autópsia	02/08/12	87	69
A Garota do Capacete Térmico	22/11/11	83	89
Idade dos Porquês	30/07/12	82	95
Harold, O Robot	20/09/12	81	110
Papa-Figos	15/06/12	76	119

O Sexto Sólido de Platão

Mais uma vez o Professor Mauro começou a contar as faces daquele modelo de poliedro regular em papel-cartão que estava em suas mãos. Há horas aquele fantasma em papel amarelo o assombrava, aquele ente completamente sobrenatural, que não poderia nunca existir. Mas tanto existia que estava lá, bem entre suas mãos! Contou de novo: uma, duas, três... quinze faces quadradas! Um poliedro totalmente regular, formado de faces que eram polígonos regulares de quadro lados. Um pentadecaedro regular! Um pensamento fixo não saía de sua cabeça: “Rapaz, você não deveria existir!”.

A ideia inicial era muito boa: ao invés de uma chatíssima aula de matemática descrevendo os cinco sólidos platônicos e suas propriedades, por que não uma aula prática, onde seus alunos desenhassem o desdobramento plano de seus sólidos em cartolina ou papel-cartão e depois os montasse colando suas arestas? Colocar a mão na massa economizaria em minutos explicações geométricas que da forma tradicional talvez levasse algumas horas de explicações.

Os sólidos platônicos, ou poliedros regulares convexos, são cinco. Quer dizer, pelo menos era no que Mauro acreditava até aparecer a aberração geométrica que estava agora diante de seus olhos... O mais simples era o tetraedro, quatro faces formadas por triângulos equiláteros, seis arestas que eram os contatos entre duas faces, e quatro vértices dos quais partiam três arestas de cada um. Depois o cubo, bem conhecido dos jogos de azar por ser o formato do dado: seis faces quadradas, doze arestas e oito vértices. O octaedro, formado de oito triângulos equiláteros, o dodecaedro de doze faces pentagonais e o icosaedro composto de vinte triângulos equiláteros. Regulares porque todos os lados eram formados pela mesma face, todas as arestas tinham mesmo comprimento, e todos os ângulos entre as arestas eram iguais. Convexos porque não são considerados platônicos

nem os três dodecaedros estrelados nem o icosaedro estrelado: partes deles “entravam” na figura, eram côncavos!

O professor de matemática recontou pela enésima vez os vértices do seu poliedro: um, dois, três, quatro... quinze! Ainda mais essa: o dual do pentadecaedro era outro pentadecaedro. Se fossem unidos os centros de todas as faces quadradas do poliedro, obteria outro pentadecaedro menor inscrito no primeiro. Um sólido platônico auto-conjugado, cujo único exemplo até então era o humilde tetraedro, com suas quatro faces e quatro vértices.

- Posso fazer um cubo, professor? – lembra-se de um aluno ter perguntado durante a aula.

Bom, era uma das planificações sólidas mais corriqueiras. Quase todo mundo sabe montar um cubo de papel-cartão, com aqueles quadrados dispostos em cruz e abas laterais para colar as arestas. Mauro esperava mesmo que seria a escolha da maioria, mas alguns alunos ainda mais preguiçosos escolheram montar o tetraedro, com suas quatro faces triangulares simples de se desenhar, cortar e colar. Estava dentro das regras, Mauro não tinha porque impedir.

Levantou novamente o sólido assombroso, que agora repousava sobre sua mesa de professor. Girou-o de todos os lados mais uma vez, impressionado: “Não pode ser! Todos os lados são quadrados! Que trapaça este moleque fez desta vez que eu não estou conseguindo enxergar?” Olhou com desconfiança os ângulos dos quadrados, e tirou um esquadro de sua gaveta. “Ah, moleque! Se estes ângulos não forem retos vou te chamar aqui nesta sala para uma conversa séria!” Mas eram! As faces do poliedro eram quadrados perfeitos formados de quatro ângulos de noventa graus cada um. Não seriam faces planas então? Reexaminou com cuidado cada uma das quinze faces, e não existia nenhuma nem côncava nem convexa. Eram quadrados perfeitamente planos!

Como era de se esperar, o sólido mais construído pelos alunos foi mesmo o cubo. Alguns fizeram tetraedros, outros se arriscaram com octaedros. Poucos mais ousados se aventuraram na montagem do icosaedro, com suas vinte faces triangulares, mas via-se que estavam com dificuldade tanto para colocar aqueles vinte triângulos no plano quanto para montá-los depois no formato do sólido. Deveriam desenhar as faces com régua e compasso apenas. Fácil fazer quadrados e triângulos equiláteros assim, mas não acreditava mesmo que algum aluno soubesse a complicada construção de um pentágono usando apenas estes dois instrumentos. Por isso se surpreendeu com a montagem de Zequinha, aparentemente o único aluno que tentou se aventurar desenhando as doze faces pentagonais de um dodecaedro. Foi apenas ao chegar mais perto daquela construção, pronto para parabenizar a habilidade do garoto, que Mauro percebeu que se tratava de quadrados. De quinze quadrados!

- Que você fez aqui, Zequinha?

O moleque estava assustado. Respondeu em voz quase inaudível.

- Não sei, professor. Não achei este aí no livro...

Pensou na hora: “Não, ele deve ter entendido mal, talvez seja um poliedro semi-regular que ele fez sem querer. Devem existir faces triangulares misturadas com esses quadrados...”. Virou de um lado para o outro, mas tudo o que via eram quadrados. Zequinha olhava para o professor, com um olhar de dar pena:

- Queria fazer um dado, mas acho que desenhei quadrados demais, né professor? – estava

quase em prantos.

Sim, Zequinha tinha mania de exagerar. Quadrados demais? Já havia acontecido antes, em outro laboratório de matemática. Enquanto todos desenhavam projeções de cubos sob vários ângulos numa folha de papel, Zequinha havia aparecido com a perfeita representação de um hipercubo no plano! Teria o moleque aprontado de novo, e montado um poliedro de quatro dimensões? Não, logo afastou isto da cabeça. Seria tão ou mais absurdo ainda que admitir a descoberta de um sexto sólido platônico...

- Posso levar isto aqui, Zequinha?

- Eu faço outro, professor! – o aluno suplicava. – Um cubo, e desta vez não erro! Vou desenhar só seis quadrados. Deixa eu tentar de novo, por favor!

- Calma, Zequinha! Está tudo bem! Ficou ótimo! Só me deixe levar isto aqui para olhar melhor. Você fez um bom trabalho, relaxa!

Foi assim que aquele sólido impossível veio parar em sua mesa. O contemplava há horas, mas ainda não podia acreditar no que via. Um desafio à geometria, um objeto que parecia rir de milhares de anos de estudos de Matemática! Seguiria o Teorema de Euler? Teria ele duas arestas a menos que a soma das faces e dos vértices? Mauro realmente não se surpreenderia se aquela aberração geométrica, tão fora da realidade, também ousasse transgredir esta lei tão respeitada pelos poliedros de quaisquer tipos, regulares ou não, convexos ou não. Mesmo assim contou as arestas, que totalizavam vinte e oito. Um poliedro perfeito, que seguia à risca o Teorema de Euler. Como poderia ser?

Havia um grosso e pesado livro de cálculo num canto de sua mesa. O sólido de faces quadradas no centro parecia rir dele, desafiar anos de estudo de Matemática. Olhou o livro, olhou o modelo em papel-cartão... e uma ideia sinistra começou a aparecer em sua cabeça. Teria coragem de fazer isso? Sim, teria!

- Maldito sólido platônico! Você nunca existiu, e vai continuar não existindo!

O pesado livro de cálculo transformou o modelo de pentadecaedro numa massa achatada de papel entre a mesa e a capa do livro. Ninguém havia visto aquilo, nem nunca veria. Ele próprio, Mauro, já estava plenamente convencido de que fora apenas vítima de uma curiosa ilusão de ótica. Sua consciência estava tranquila agora: o equilíbrio do universo foi preservado, e a quantidade de sólidos platônicos continuaria sendo a que sempre foi desde a mais remota antiguidade: CINCO!

Ideia Brilhante

- Carl, não devíamos sair da nave sem os retrofoguetes!

- Relaxa, capitão! Eu sei o que estou fazendo!

O capitão olhava desconfiado de dentro do seu capacete espacial. Mas, como todos diziam, Carl era brilhante! Primeiro aquela ideia de prender placas metálicas com campos hiper magnéticos em suas junções. Em seguida o escurecimento dos vidros da nave com fuligem para bloquear os raios ultravioletas do espaço exterior. Não era nenhum grande cientista, mas suas invenções eram sempre brilhantes. E baratas! Exatamente do que a agência espacial precisava. A regra era bem clara: "Não contrariem Carl! Deixem o inventor inventar! Estimulem!"

- Já estamos flutuando a uns 10 metros da nave! Qual é a sua ideia?

- Confia em mim, capitão! - e tirou do compartimento externo do traje uma espingarda de ar comprimido.

- Lei da ação e reação? Pretende disparar algo na direção oposta para sermos empurrados de volta em direção à nave?

- Melhor do que isto! E, de qualquer forma, esta sua ideia não funcionaria. Nós dois juntos temos muito mais massa que qualquer projétil que eu resolvesse disparar dela.

Movidos por inércia depois de empurrarem o casco da nave com as pernas num salto, eles

ficavam cada vez mais distantes. Já estavam a 30 metros! Sem retrofoguetes ou qualquer outro meio para retornar, já estariam condenados a se distanciar sempre. Mentira: como estavam em órbita da Terra, o mais provável é que começassem a cair e queimassem na atmosfera como duas estrelas cadentes humanas.

- Isto aqui tem uns 60 metros. - disse tirando um carretel de um cordão muito fino de outro compartimento externo do traje. - Por segurança, quando estivermos a 50 metros eu disparo.

- Isto aí vai nos levar de volta? Vai arrebentar!

- Uma corda de nano carbono, capitão? Arrebentar com a massa de nós dois juntos? Hahaha, francamente...

O capitão Charles ainda estava muito inquieto.

- Mas será que você não se esqueceu de prender esta corda na nave ANTES de resolvermos "pular" dela e chegarmos até aqui?

- Foi exatamente por isto que trouxe este brinquedinho aqui! - disse, levantando a espingarda.

- E o que você vai lançar lá? Um magneto?

Ao dizer isto, o Capitão ficou pálido!! Sim, porque o casco da nave era de um nanomaterial muito resistente, mas, definitivamente, não era atraído por magnetismo! Será que Carl se esquecerá deste "pequeno" detalhe?

- Carl, não me diga que vai tentar disparar um magneto! Pelo amor de Deus! Não agora, que já não existe mais chance de voltarmos!

- Tsc, tsc... - fez Carl desapontado. - Capitão, óbvio que eu sei que o casco da nave não é ferromagnético! Não cometeria uma estupidez deste tipo.

- O que é então?

- Algo banal, barato, e que sempre funciona.

- Um gancho? Não acredito! Sua pontaria sempre foi péssima. Estamos perdidos.

Quando lágrimas de desespero começavam a escorrer das faces do capitão, Carlos anuncia pelo comunicador.

- É agora, capitão! Segure-se em mim! Hora da grande surpresa.

Tira outro objeto do compartimento direito. Amarra a ponta da corda bem firme numa extremidade deste objeto, e deixa bem solto o carretel com a corda de nano carbono.

- A agência espacial não me paga para inventar coisas baratas? - coloca a extremidade com a corda amarrada dentro da espingarda de pressão. - Mais barato que isto impossível.

Quando Carl aponta a espingarda para o casco da nave, a 50 metros deles, o Capitão vê com

clareza o objeto que ele pretendia disparar. E berra, pouco antes do disparo:

- Carl, seu idiota!!! Estamos mortos!!!

O objeto percorre rápido os 50 metros que o separavam da nave, carregando a corda junto com ele. Bate com força no casco da nave, porém... nada acontece!

- Mas... - Carl não acreditava no que via. - Sempre funcionou! Existe em todas as casas do planeta! Todo mundo usa. Nos banheiros, nas cozinhas... nunca falhou!!

- Um desentupidor de pias, seu idiota? NO VÁCUO???

A única coisa que restava a fazer era esperar tranquilamente (se é que isto era possível) até ambos caírem e queimarem na atmosfera. Triste final para um competente capitão e um "brilhante" inventor...

Encontro com Jesus

Jesus realmente queria falar comigo. Estranhei muito, acreditava nele sim, mas... nunca a ponto de esperar que Ele próprio em pessoa aparecesse na porta de meu apartamento para conversar comigo!

- Abre a porta, David! Tem umas coisas que preciso falar, que estão entaladas na minha garganta a mais de 2 mil anos, e que precisa ser com você!!

Abri a porta assustado. Estava de ressaca, não achava me apresentar nas melhores condições para me mostrar ao próprio Filho do Homem! Mas o que vi me deixou ainda mais surpreso! Que idiotice! Eu esperava mesmo um Jesus branco de olhos azuis? Filho de uma judia? (se formos mesmos acreditar numa concepção por genes puramente femininos, o que já a priori seria UMA IMPOSSIBILIDADE!). E de onde viria aquele cromossoma Y? De um clone de um par XX?? Enfim, relevando tudo isso, obviamente Jesus teria feições de um judeu! Apesar de que, aquele que via em minha frente, tinha feições claras de um palestino. Mas, definitivamente, nunca seria um branquelo loiro de olhos azuis!

- Hahahaha! Sei muito bem o que você está pensando!!! Você está certíssimo! A princípio, eu tenho liberdade total para me apresentar a qualquer um da maneira que me der na telha. Mas com você é diferente! Gosto de você, resolvi não chocar e me apresentar de uma forma que realmente você esperava me ver!

Sim, era mesmo Jesus à minha frente!

- Estou morrendo de sede, David! Vim de longe para te ver! Tem um bom vinho nesta casa para me oferecer ?

- Senhor, eu... tenho o resto de um vinho numa garrafa da geladeira. Mas não é muito bom...

Jesus abriu a porta de minha geladeira como se a casa fosse dele. Bom, quem sou eu para reclamar? A casa era mesmo dele! Abriu a garrafa que estava pela metade, tomou um gole, e cuspiu longe a bebida!

- Que vinho horrível! Vocês bebem mesmo esta porcaria hoje em dia?

- Senhor, me perdoe! - ajoelhei, desesperado!

- Levanta, David! Eu vou dar um jeito nisso!

Olha para um bebedouro ao lado da geladeira, com um garrafão cheio de água. Coloca as mãos sobre o garrafão de água, baixa a cabeça e profere algumas palavras numa língua incompreensível. Vejo, aos poucos, a água assumindo a cor de... vinho! Jesus sorri de satisfação.

- Incrível! Isto sempre funciona!!!

Perante minha expressão boquiaberta, toma um copo plástico ao lado do bebedouro e prova sua bebida transmutada.

- Bom vinho! Não é melhor que a safra que transmutei em Caná, mas é um bom vinho...

- Como fez isto?

- Em Caná realmente caprichei. Afinal, tinha sido um pedido da minha própria mãe, entende? Fiz o melhor que pude, por isso o vinho ficou tão bom! Mas este também está bem razoável... - encheu um copo e me ofereceu. - Beba, vai ser uma longa conversa!

Eu estava embasbacado ainda:

- Mas... como??? Era água!!!

- É um truque, David!

- Truque? Como fez isso?

- Ah, por favor! Já viu um mágico revelar seus truques? É anti-ético! Se te mostrasse como fiz, você acharia a coisa mais banal do mundo! Mas não posso fazer isto...

- Meu Senhor Todo Poderoso...

- Me chame só de Jesus, tudo bem? É meu nome! Eu não estou te chamando de David? Me trate igual...

- Senhor Jesus...